

**JIMMIE
DURHAM**

Artes Visuais x

ACHA QUE MINTO

14 SET 2019 – 05 JAN 2020
Culturgest Porto

**ELISA
STRINNA**

Artes Visuais x

18 JAN – 26 ABR 2020
Culturgest Porto

Culturgest

REAÇÃO EM CADEIA

Projeto que resulta da colaboração entre a Fidelidade Arte e a Culturgest, com curadoria de Delfim Sardo. Os artistas escolhidos são implicados na seleção dos seus pares, que irão suceder-lhes no espaço da Fidelidade Arte (primeiro) e da Culturgest Porto (em seguida). O convite que o curador dirigiu a Ângela Ferreira foi não só o de conceber um projeto novo, mas também o de colaborar ativamente no processo de seleção do artista seu sucessor. A escolha recaiu sobre o norte-americano Jimmie Durham (Houston, Texas, 1940). Por sua vez, Durham colaborou na seleção do artista seguinte, Elisa Strinna (Pádua, 1982).

As três intervenções conhecerão diferentes declinações na Fidelidade Arte e na Culturgest Porto, nomeadamente com a presença de obras diferentes, resultado de profundas adaptações dos projetos à diferente natureza dos dois espaços. Esta é outra das determinações fundamentais deste ciclo – a adaptação dos projetos a cada espaço e à sua arquitetura, como um processo evolutivo e em metamorfose.

No fim de cada ano será publicado um livro que compilará a memória dos três projetos, com extensa documentação sobre o seu desenvolvimento.



CURADORIA
Delfim Sardo
ASSISTENTE DE CURADORIA
Sílvia Gomes
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO (CULTURGEST PORTO)
Susana Sameiro
AUXILIAR (CULTURGEST PORTO)
Rui Osório
PRODUÇÃO DE OBRAS E MONTAGEM
J.C. Sampaio Construções, Lda
MURAI
Bruno Fonseca
Renato Ferrão

AGRADECIMENTOS
Adriana Mestre
Cristina Guerra
Jürgen Bock
Madalena Guerreiro
Mamadou Cellou Dialo
Pedro Fonseca
Roger Meintjes

PARCERIA

FIDELIDADE
ARTE

ÂNGELA FERREIRA

DALABA: SOL D'EXIL



1 JUN – 1 SET 2019
Culturgest Porto

ÂNGELA FERREIRA

Nasceu em 1958 em Maputo, Moçambique. Concluiu os estudos de Artes Plásticas na África do Sul obtendo o grau de mestre na Michaelis – Faculdade de Belas-Artes da Universidade da Cidade do Cabo. Atualmente vive e trabalha em Lisboa e leciona na Faculdade de Belas-Artes (Universidade de Lisboa) onde obteve o doutoramento, em 2016. O trabalho de Ângela Ferreira desenvolve-se em torno do impacto do colonialismo e pós-colonialismo na sociedade contemporânea, guiado por uma pesquisa profunda e pelo filtrar de ideias que conduzem a formas concisas, depuradas e evocativas. Representou Portugal na 52.ª Bienal de Veneza em 2007, onde continuou as suas investigações sobre a forma como o modernismo europeu se adaptou, ou não, às realidades do continente africano traçando a história da *Maison Tropicale* de Jean Prouvé. É ainda a arquitetura que serve de ponto de partida para o aprofundamento da sua longa pesquisa sobre o apagamento da memória colonial e a recusa da reparação, que encontra a sua mais complexa materialização na obra *A Tendency to Forget* (2015), focado no trabalho etnográfico do casal Jorge e Margot Dias. *Pan African Unity Mural* (2018), exibido no MAAT e no Bildmuseet (Umeå, Suécia), foi concebido, retrospectiva e introspectivamente, para o “aqui” e o “agora”. Além da sua própria trajetória, outras histórias biográficas são simultaneamente narradas, expostas e escondidas neste trabalho.

As suas homenagens escultóricas, sonoras e videográficas têm continuamente referenciado a história económica, política e cultural do continente africano ao recuperar a imagem e a obra de algumas figuras inesperadas como Bob Dylan, Peter Blum, Carlos Cardoso, Ingrid Jonker, Jimi Hendrix, Jorge Ben Jor, Diego Rivera, ou Miriam Makeba.

Dos seus trabalhos destacam-se: *Dalaba: Sol d’Exil* (2019); *Pan African Unity Mural* (2018), *Remining* (2017); *Talk Tower for Diego Rivera* (2017); *Boca* (2016); *Wattle and Daub* (2016); *Hollows Tunnels, Cavities and more...* (2016); *A Tendency to Forget* (2015); *Wild Decolonization* (2015); *Messy Colonialism* (2015); *Revolutionary Traces* (2014); *SAAL Brigades* (2014); *Independance Cha Cha* (2014); *Entrer dans la mine* (2013); *Mount Mabou* (2013); *Stone Free* (2012); *Political Cameras (from Mozambique series)* (2012); *Collapsing Structures/ Talking Buildings* (2012); *Cape Sonnets* (2010/2012); *For Mozambique* (2008).



© Mamadou Cellou Dialo para AF

O primeiro projeto do ciclo *Reação em Cadeia*, resultado da colaboração entre a Fidelidade Arte e a Culturgest, apresenta uma intervenção de Ângela Ferreira. Primeiramente apresentada no espaço da Fidelidade Arte em Lisboa, o projeto assume na Culturgest Porto uma configuração muito diversa, com a inclusão de obras que não constavam da sua apresentação inicial.

Ângela Ferreira tem desenvolvido um percurso no qual, e recorrendo às suas próprias palavras, “o estado de amnésia colonial e a ausência de reflexão e de compensação por parte da Europa” se cruzam com uma “abordagem reflexiva do modernismo na arte contemporânea e na arquitetura” a partir da sua própria experiência vivencial. Nascida em Moçambique, com formação artística realizada na África do Sul, tem vindo a pautar o seu trabalho pela presença de memórias da vida de personagens que são, por diversas formas, protagonistas de episódios da história do colonialismo, ou cujas biografias revelam estórias metafóricas das vicissitudes dos processos de libertação.

O projeto *Dalaba: Sol d’Exil* parte da intervenção que Ângela Ferreira realizou em 2018 no MAAT (Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia), em Lisboa, intitulada *Pan African Unity Mural*, onde cruzava as histórias de vida



de George Wright e Miriam Makeba. O primeiro foi um ativista do partido Panteras Negras, que acabou por viver clandestinamente em Portugal até hoje, tendo adotado o nome português Jorge dos Santos. Makeba (1932–2008) foi, além de uma das mais relevantes vozes da música africana, uma ativista pelos direitos humanos, uma militante politicamente empenhada e uma figura de referência global na construção da africanidade.

A história pessoal de Makeba é o centro do projeto de Ângela Ferreira: impedida de regressar à África do Sul em 1960, após uma digressão com Harry Belafonte, Makeba estabeleceu-se nos Estados Unidos da América. Aqui desenvolveu uma carreira de grande sucesso até 1968, quando o seu casamento com Stokely Carmichael, membro do partido Panteras Negras, a levou a ser impedida de entrar nos EUA. Sékou Touré, na época presidente da Guiné-Conacri, ofereceu-lhe asilo político na sequência da sua condição apátrida. Makeba escolheu um terreno numa colina em Dalaba – pelas semelhanças paisagísticas com a sua terra natal – e construiu uma casa onde viveria quinze anos com Carmichael.

É a memória desse solo de exílio que Ângela Ferreira traz para esta exposição, a partir de um conjunto de



esculturas que convocam segmentos da arquitetura da casa: a entrada, na sua configuração modernista; a varanda, supostamente o ponto de vista sobre a paisagem; o centro da casa, evocador da forma de *rondâvel* – a tradicional casa circular africana. Para além destes elementos, Ângela Ferreira incluiu um elemento escultórico que, remanescente da sua instalação no MAAT, convoca a memória do teleférico da Cidade do Cabo, neste caso o ponto de contacto entre a sua memória pessoal e a paisagem hipoteticamente convocada por Makeba, natural de Joanesburgo. Pelas paredes das salas de exposição espalham-se desenhos reinterpretados das decorações do solo e das próprias paredes da casa de Dalaba, tal como são visíveis na recolha fotográfica que serviu de iconografia a Ângela Ferreira em imagens também presentes.

Pela exposição ecoa o som de uma canção icónica de Miriam Makeba, *A Piece of Ground*, de 1966, que conta a história de África e do desapossamento. É a esse solo que faz referência o título da exposição, o solo de uma pertença que é uma construção, uma identidade que é nómada e uma memória que resulta de interseções, de cruzamentos e que, no seu mergulho comum, constrói narrativas que se negociam.